

UMA TENTATIVA DE ANÁLISE DE PROBLEMAS ENCONTRADOS
EM REDAÇÕES DE VESTIBULANDOS

Noili Demaman
Olívio L. Vicentini

Durante a primeira etapa do Curso de Especialização de Língua Portuguesa, oferecido pela Faculdades Integradas de Santa Cruz do Sul, RS, mais precisamente na disciplina de In-

terpretação e Produção de Textos, ao sermos solicitados para a realização de um trabalho acadêmico como parte do curso, a nossa escolha recaiu sobre "Análise de Redações de Vestibular", um assunto sobre o qual, na instituição em que trabalhamos - FIDENE - Ijuí, só havia um trabalho realizado pela Profa. Lara Bem querer Costa, com a colaboração de um grupo de alunos e do Prof. João W. Geraldí, publicado no caderno nº 16 da FIDENE, trabalho este que se limitou a uma análise de problemas ortográficos.

Dentre os vários assuntos propostos pelo titular da disciplina, nossa escolha recaiu sobre este, porque já há três anos estamos "corrigindo" (na realidade só é atribuída uma nota) redações dos vestibulandos, e são motivo de surpresa os problemas que estes "textos" apresentam. Raramente estas produções forçadas têm qualquer semelhança com texto. Antes, são um aglomerado de problemas. Outro motivo que nos levou a esta escolha foi o fato de estarmos trabalhando com alunos de básico, mais especificamente na disciplina de Complementos de Português. Este trabalho de Complementos de Português vem sendo desenvolvido a partir da proposta metodológica do Prof. João W. Geraldí, muito embora ela só agora tenha sido publicada e assim mesmo em caderno da FIDENE - nº 18 de julho de 1981, com o título de "Subsídios Metodológicos para o Ensino de Língua Portuguesa" (5ª a 8ª séries). Além disso, participamos de um grupo de Assessoria aos Professores Rurais também ligados à FIDENE, grupo este que é constantemente solicitado a "ministrar" cursos de Redação para professores do meio rural. E nossos conhecimentos são poucos para sairmos de dificuldades com as quais nos deparamos constantemente ao realizarmos esses cursos. Creemos que este trabalho nos possibilitará alguns momentos de estudo e de discussões com colegas e professores, o que, certamente (pelo menos espera-se) proporcionará, se não o crescimento destes, pelo menos a problematização destes elementos sobre o como e o "praticado" de nosso trabalho em Língua Portuguesa.

Para análise de "corpus" - 1.600 redações - recorreremos à leitura da tese de mestrado "Problemas da Redação na Universidade", de Alcir Bernardes Pécora da UNICAMP, aos textos recebidos durante o curso, além da leitura dos trabalhos já citados.

Tentaremos descrever os problemas que conseguimos identificar, buscar suas possíveis causas, o que não nos isentará de procurar alternativas para solucioná-los, já que isso nos parece ser uma decorrência da própria análise.

Num corpo de 1.600 redações, correspondendo à totalidade das redações feitas pelos vestibulandos de 81, aspirantes a uma vaga nos cursos de FAFI, CECA e FACACBI, escolhemos alea

toriamente 20 redações que nos servirão como objeto mais específico para realizar o presente trabalho. A prova de redação estava assim redigida:

"Escolha um texto dissertativo sobre o tema:

A CULTURA BRASILEIRA NA DÉCADA DE 70, desenvolvido a partir de um dos subtítulos abaixo especificados:

- a) suas relações com o poder
- b) produções científicas e/ou tecnológicas
- c) avanços em relação à década de 60
- d) o cinema
- e) a música
- f) a literatura
- g) os meios de comunicação social
- h) exílio, anistia, reintegração".

Dentre os assuntos propostos, aproximadamente 80% dos vestibulandos optaram pelo título correspondente à letra "g". Isso por si só já despertou a nossa curiosidade e o desejo de buscar o "porquê" dessa escolha maciça.

Uma hipótese não comprovada cientificamente e levantada de forma empírica nos faz crer que só a expressão "Cultura Brasileira", e mais ainda na "Década de 70", assustou os vestibulandos. Prova disso é o fato de que pouquíssimos deles relacionaram o tema proposto à cultura brasileira nessa década (assunto). A maioria escreveu sobre um dos títulos, mas sem se preocupar com a cultura brasileira num tempo determinado. Apareceram redações sobre os meios de comunicação social descrevendo como foram criados o jornal, rádio e TV... Outros vestibulandos descreveram um determinado aparelho utilizado para nos comunicarmos. Isso nos faz deduzir que os candidatos não tinham a mínima noção do que possa significar a expressão "Cultura Brasileira" ou, por outro lado, questionaríamos a capacidade de entendimento do que leram.

Concomitantemente, cremos que a expressão "Na Década de 70" igualmente tenha assustado muitos deles. Quem a levou em consideração só disse "besteiras". Este trecho de uma das redações selecionadas comprova esta última afirmativa: ... *na década de 70 a Família Real veio para o Brasil. Junto trouxeram o telefone, o rádio, o jornal, a TV...* Nesse e em outros casos semelhantes, o motivo de assim terem redigido talvez tenha sido o desconhecimento da palavra "década". Ainda podemos deduzir que a forma utilizada de redigir tenha desvirtuado o conteúdo que o seu autor tenha pensado em grafar.

No que se refere ao subtítulo "Suas relações com o poder", pensamos que a palavra "poder" (a imagem de sua significação criada em nossas cabeças) é que tenha "corrido" com os

vestibulandos. Deve ter "corrido" também, com os professores que deveriam trabalhar temas da atualidade com aqueles em suas aulas de Língua Portuguesa. "Poder" assusta. Tem uma forte carga semântica de dominação ideológica que nos foi inculcada. Quando são levadas as questões de poder para a sala de aula, são levadas a nível de imposição. Aliás, a própria situação dos alunos em relação aos professores e à direção da escola, das secretarias de ensino... condiciona todos a não questionarem as relações de poder que aí ocorrem. Imaginem só os aspirantes a uma vaga no ensino superior que condições teriam, então, de dissertar sobre as relações que ocorrem entre a "cultura brasileira" na década de 70 e o poder político e econômico?

Quanto a "Avanços em relação à década de 60", já comentamos algo quando nos referimos à "Cultura Brasileira" e sobre "A década de 70", mesmo assim, cremos que faltaram informações aos vestibulandos para dissertar sobre esse tema. Paradisartar sobre ele, os vestibulandos teriam que ter conhecimento sobre o que houve no Brasil em termos de cultura, nas duas décadas, para só assim ser possível caracterizar os avanços de uma em relação à outra. Duas décadas são 20 anos. Poucos deles têm mais do que essa idade. Isso poderia significar que estes viveram duas décadas em que a repressão vigorava a todo vapor. Mesmo assim era de se esperar que, pelo menos alguns deles, escrevessem sobre esse tema, visto que algumas informações a esse respeito a censura deixou passar. Portanto fica evidente que eles estavam completamente desinformados no que diz respeito à cultura brasileira nestas duas décadas. Os jornais, as revistas não foram lidos. A escola não trouxe à baila conteúdos relacionados com esse tema, também pudera, professor/aluno viveram uma época em que poucos tinham vez e voz. Então, escrever sobre avanços da cultura brasileira de 70 sobre a década de 60, não é fácil (isso para não dizer humanamente impossível), quando não se tem informações.

Desse modo poderíamos continuar levantando hipóteses sobre causas que levaram os vestibulandos a relegarem a 29ª planilha sete dos oito temas propostos, todos relacionados com a cultura brasileira. Porém nos interessa de perto levantar algumas questões, nesse sentido, a respeito do *porquê* de recaírem 80% das escolhas sobre o tema "Meios de Comunicação Social".

Mesmo que a escolha desse tema tenha sido maquiça, poucos vestibulandos conseguiram dissertar de fato sobre ele. Ficaram em constatações descritivas e num nível muito primário. A maior parte dos textos ficou limitada à citação dos meios de comunicação existentes, sua influência, seus préstimos... Alguns, como já dissemos, descreveram o rádio, o jornal, a TV...

Anexaremos a esse trabalho uma redação que por si só falará mais do que nossas palavras. (V.pág.37)

Por que teriam eles optado maciçamente pelo referido tema? Cremos haver uma série de razões, porém nos limitaremos a enumerar algumas sem preocupação de aprofundar, visto que nos interessa mais desenvolver a análise descritiva de problemas encontrados nos textos dos vestibulandos.

Fica evidente que o fato de não terem informações sobre outras temáticas é uma forte razão para escreverem sobre os MCS, principalmente se levarmos em consideração que fazemos uso constante deles (rádio, jornal, telefone) na sociedade complexa em que estamos inseridos. Também o assunto em questão é muito badalado nas escolas de 19 e 29 Graus. É uma temática muito abordada. No entanto, isso é feito de forma superficial. Parece-nos, porém, que o fato de a TV ser o MCS por excelência, que mais atinge direta ou indiretamente a todos, deve ter sido a razão mais óbvia dessa escolha. De fato, a TV passou, pelo menos nos últimos anos, a dominar o último reduto que ainda tinha uma certa liberdade e criatividade antes de seu uso como acontece hoje: a vontade e a mente humana. E isso é lamentável, pois o resultado pode ser plenamente comprovado nos textos sobre os MCS que lemos: gente castrada mentalmente. Mas tudo isso seria conversa "prá mais de metro", como dizem por aí. Passaremos, então, ao corpo propriamente dito do nosso trabalho: uma análise descritiva de alguns problemas.

ANÁLISE DE ALGUNS PROBLEMAS

Observando-se as ocorrências que seguem (destacaremos parágrafos completos para facilitar a compreensão) podemos constatar aquilo que estamos chamando de problemas: (Parágs. de algumas redações apresentadas)

1-A partir dos anos 70, e nos dias atuais; era tecnologia lógica; em que o homem caminha dia a dia, para a conquista do desenvolvimento, dias em que o homem está sendo substituído pela máquina, parece ironia, mas a realidade é que o homem, criador da máquina está competindo com ela e esta o está superando."

2-Mas... infelizmente o ser humano está sendo utilizado como uma máquina, um rato que é jogado para todos os lados, pois o rato não sente nada, nem dor, nem fome e muito menos amor.

3-Os meios de comunicação social

Os meios de comunicação social é um dos sistemas muito importante. A comunicação é uma maneira mais correta de transmitir a idéia.

Os meios de comunicação é onde as pessoas se comunicam como: O rádio, TV, jornais, revistas e outros, através das tes se orientem. A comunicação é um modo de falar orientar e se expressar.

A comunicação é um meio, pela qual se recebe informações e dá informações.

A comunicação é um ponto mais importante em todo o Brasil, porque tem idéias lógicas, a filosofia à da comunicação influencia muito no método em que é aplicado.

Sabemos que toda a comunicação tem seu ponto, portanto muitas vezes aceitamos todas as informações abertamente.

A comunicação do meio social é um plano que se estende de ao todo espaço deste mundo que nos cerca. Com isso temos que dar muito valor as comunicações culturais deste Brasil a fora, estabelecendo criatividade e planejamento cultural.

4-Mas quem vai mudar este mal uso dos meios de comunicação social? O governo ou o povo que vai mudar ou tudo vai continuar como esta?

5-A televisão influe muito na sociedade e ela não devia ser usada como está sendo usada, dela devia ser educativa e não destrutiva. A televisão deveria ser dirigida ao povo como um veículo de informação e comunicação para nós usarmos no nosso dia-a-dia não somente propaganda porque em nosso dias só vale é a propaganda e o dinheiro.

6-Assim também o rádio amador e outros rádios.

7-Como agora está surgindo tanta coisas neste mundo, alta dos produtos muitas outras coisas, a gente sem estas meios o que seria de nós, se tornaríamos num nível muito baixo, como já está acontecendo em muitos lugares pessoas passando fome e muito outras dificuldades o mais.

8-O melhor de tudo, é saber o que é real e o que é fictício. Usufruir dos meios de comunicação social para conhecer quem sou; quem somos e quem seremos. Também ter as mensagens dentro do significado e seu significante, usando objetos que estimam e revelam a justiça e a paz social.

9-Os meios de comunicação social

Introdução - Todos o ser humano necessita integrar-se com as demais pessoas.

*Desenvolvimento - É possível viver isolado do mundo.
Conclusões - Devemos dar valor àquilo que nos cons-
trói.*

10-Os homens com o poder divino estão criando e rea-
lizando coisas fantásticas e quase fenomenais para muitos de
nós. Pois para muitos é quase impossível a realização de cer-
tos avanços principalmente quando a comunicação entre o meio em
que vivemos.

11-Assim que nos devemos zelar e agradecer a Deus de
dar estas capacidades ao homem de criar meios tão eficientes ao
meio de comunicação social.

Tentaremos agora trabalhar somente alguns desses pro-
blemas, visto que não é possível explorar todos, pois demanda
muito tempo e, além disso, é um trabalho que exige pesquisas.

Na ocorrência número 1, é óbvio que o primeiro pro-
blema a evidenciar-se por si só é o emprego inadequado do pon-
to e vírgula: *A partir dos anos 70, e nos dias atuais; era tec-
nológica;...* Aliás esse é um problema comum à quase totalidade
das redações que lemos (1.600) e diz respeito à pontuação de
frases. Na fala costuma-se fazer paradinhas ao se pronunciar um
enunciado qualquer. Essas, muitas vezes, são intencionais e/ou
com função de envolver no raciocínio o ouvinte e/ou para provo-
car suspense.

Normalmente estas paradas, quando no discurso oral,
não prejudicam a eficiência comunicativa desse discurso (até po-
dem auxiliar). Porém, quando esse mesmo discurso for feito na
modalidade escrita, e o falante usar inadequadamente os sinais
de pontuação (de acordo com as normas de língua padrão) a refe-
rida eficiência do oral não se repetirá na escrita. Acontece que
não existe qualquer correspondência necessária entre o lugar
e a natureza da pausa realizada na oralidade e o lugar da pau-
sa marcada pelo sinal gráfico, bem como o tipo de sinal gráfico
empregado.

Assim sendo, as pausas verificadas no oral poderão ser
intencionais e eficientes numa situação em que os interlocuto-
res estão frente a frente, porém, o valor do ponto e vírgula
(gramaticalmente) não é o de marcar estas pausas (hesitações in-
tencionais) mas sim, de encerrar um período, uma oração (na mo-
dalidade escrita). Nesse sentido a pretensa oração "A partir dos
anos 70 e nos dias atuais;" bem como "era tecnológica" não é com-
pleta, visto que não tem satisfeito o processo de predicação e
não possui sujeito. Poderíamos, então, encarar esse problema
como sendo o de incompletude de frase ou de não domínio do em-

prego, na modalidade escrita, dos sinais de pontuação.

Em ambos os casos, poderíamos concluir que isto seria causado pela aprendizagem das normas da Língua Portuguesa padrão, ou seja, esse falante não foi alfabetizado de tal modo que essa alfabetização lhe proporcionasse o domínio da construção de frases com a devida pontuação. Contudo, essa conclusão seria um tanto estranha já que o autor dessa redação teve onze anos de Língua Portuguesa preocupados com as normas da língua padrão. Logo, fatos como esses nos fazem repensar a nossa maneira de trabalharmos essa disciplina.

É oportuno, então, levantarmos a seguinte questão: existem "n" variantes lingüísticas; os falantes antes de frequentarem a escola já dominam a(s) variante(s) usada(s) no seu meio. Nossa prática em língua portuguesa tem sido sobre a variante padrão, desconsiderando totalmente as demais. O vestibulando não usa corretamente aquela variante, muito embora tenha tido tantos anos de língua portuguesa padrão. Então estaria o nosso método e a nossa maneira de trabalhar L.P., ao invés de possibilitando o aprendizado dessa variante, impossibilitando-o? Seria possível ensinar a padrão desconsiderando o domínio que os falantes têm de outra(s) variante(s) lingüística(s)?

Ainda com a ocorrência número I, o parágrafo tem uma série de problemas que poderiam ser enquadrados em problemas de pontuação, acentuação, ortografia, de construção de frases, de construção de parágrafos, de argumentação, de coerência. Contudo, nos deteremos agora a tecer considerações sobre o problema da confusão entre "esta" e "está". O primeiro com a função de pronome e o segundo com a função de verbo. Nesse parágrafo aparece 4 (quatro) vezes o vocábulo "esta" e sempre sem ser acentuado. Só num desses casos ele exerce realmente a função de pronome. Nos demais casos ele deveria ter sido acentuado, pois se trata do emprego do verbo "estar" na terceira pessoa do singular do presente do indicativo.

Certamente não podemos inferir que a pessoa que fez esta redação seja incapaz de pronunciar a palavra com acentuação adequada e que ela também não domine o sistema de entonação do português oral. Vale aqui reforçar o que já dissemos anteriormente: não existe uma relação entre o oral e o escrito que nos permita grafar corretamente (com acento agudo) a palavra dita corretamente no oral. Não há nada no som que nos obrigue a representar o sinal (´) para significar "está" e não "esta" ou vice-versa, conforme aparece no parágrafo em questão. Também o fato do falante ser capaz de empregar adequadamente "está" e/ou "esta" não é suficiente para que ele saiba grafá-la, incluindo o lugar e o tipo de acento gráfico. Essas observações

nos levam a concluir que esse problema específico (acentuação) não é decorrente do não conhecimento das regras lingüísticas em geral, visto que no falar ele pronuncia corretamente os vocábulo (com raras exceções, é lógico), mas sim, é decorrente de um conhecimento das normas que regulam o uso específico de recursos gráficos (não alfabetizado).

Isso nos leva, voltamos a reafirmar, a repensar a forma de operarmos com a Língua Portuguesa em qualquer nível, especificamente no que diz respeito à acentuação. Devemos continuar dando e/ou impondo regras de acentuação? Vamos continuar relegando o oral e trabalhando só a modalidade escrita e ainda de forma normativa? Também não podemos deixar de observar que, muito embora o emprego não correto dos recursos gráficos, no que diz respeito à acentuação, não impeça a compreensão das idéias do texto escrito produzido, é óbvio que isso dificulta essa compreensão, o que não ocorre no oral.

Observemos agora a ocorrência 2:

Mas... infelizmente o ser humano está sendo utilizado como uma máquina, um rabo que é jogado para todos os lados, pois o rabo não sente nada, nem dor, nem fome, muito menos amor.

Nela evidencia-se de imediato o acento na palavra "utilizado" que, se descrito, reforçaria aquilo que foi colocado até agora com respeito à acentuação. Porém selecionamos esse fragmento por outras razões: ortográficas e semânticas. No contexto, com certo esforço, conseguimos deduzir que o vestibulando quis significar "robô" e não "rabo" como grafou. Ela (a palavra) aparece duas duas vezes escrita da mesma forma. O mesmo vocábulo tem, portanto, além do problema da acentuação, um problema de ortografia, onde foi grafado "a" deveria ter sido "o", o que poderia nos ter levado a interpretar o texto sob um ponto de vista diverso, obtendo dele uma significação também diversa daquela que o vestibulando quis significar.

Entendida como "rabo", realmente a significação desse fragmento provocaria um efeito humorístico; o homem estaria sendo usado como um "rabo" que é jogado para todos os lados (como o cavalo joga-o para espantar as moscas), pois o rabo não sente nada, nem dor, nem fome e muito menos amor. Essa interpretação provocaria risos mesmo numa situação da sala de aula. Certamente o autor que escreveu rabo, ao pronunciar esse texto oralmente, diria robô ou rubô.

Isso nos leva, novamente, a conclusões já expostas quando abordamos acentuação e pontuação. O fato dele dominar lingüisticamente, na oralidade, a palavra "robô", não é suficiente para que ele a escreva corretamente. Está lhe faltando

o domínio, o uso dos sinais gráficos que comprovem esse domínio na modalidade escrita. Mais uma vez perguntamos: e o nosso trabalho normativo de Língua Portuguesa, preocupado com a língua padrão, não fez o vestibulando perceber isso e autocorrigir-se em tantos anos de "estudo"?

Já a ocorrência 3 (transcrição de um texto completo) foi por nós selecionada com a intenção de explorá-la na questão da "riqueza e/ou pobreza" vocabular, temática muito badalada pelos professores de nossa área -Comunicação e Expressão-. É comum ouvirmos afirmações de que o aluno em geral não usa vocabulário "rico", isto é, usa muita gíria, uma linguagem comum, do povo e, além disso, repete muitos termos. Interessa-nos explorar essa temática, já que, como dissemos anteriormente, trabalhamos com alunos de todos os níveis de ensino.

Redações com o emprego vocabular semelhante ao que ocorre neste texto são comuns à maioria dos textos que lemos. Fazendo-se um levantamento do vocabulário mais "significativo" na ocorrência 3, temos o seguinte:

Meios de comunicação social .	2
ser	3
comunicação	8
sistemas	1
importante	2
maneira	1
correta	1
transmitir	1
idéia	3
pessoas	1
comunicar	1
Brasil	2
lógicas	1
método	1
saber	1
ter	2
abertamente	1
social	2
dar	1
valor	1
estabelecer	1
criatividade	1
culturais	2
onde	1
rádio	1
TV	1
jornais	1

revistas	1
outros	1
orientar	2
modo	1
falar	1
expressar	1
meio	2
receber	1
informação	3
ponto	2
filosofia	1
influenciar	1
aplicar	1
aceitar	1
plano	1
estender	1
espaço	1
mundo	1
cercar	1
planejamento	1

Este levantamento nos dá uma visão da variedade vocabular que o vestibulando utiliza ao dissertar (pelo menos deveria ter sido um texto dissertativo) sobre "Os Meios de Comunicação Social". Não sabemos se poderíamos chamar isto de pobreza e/ou riqueza vocabular; principalmente se o observarmos arroladamente como fizemos acima, isto é, quando desvinculadamente do contexto em que eles ocorrem. Parece-nos, observando-se assim desvinculadamente, que o vocabulário usado pelo vestibulando é, se não rico, regular e/ou aceitável. Já observando-se esse vocabulário no contexto, no seu campo associativo ou a partir das interrelações das palavras no texto, as conclusões seriam opostas às primeiras. Em outros termos, mesmo que aceitemos a hipótese da existência da "riqueza" e/ou da "pobreza" vocabular, estas só poderiam ser percebidas no contexto em que as palavras foram utilizadas.

Ou vejamos: já na primeira frase aparece a palavra "sistema" (*Os meios de comunicação social é um dos sistemas muito importante -v.3*) empregada não adequadamente. Parece-nos que o autor do texto não dominava a sua significação e a usou para significar qualquer coisa que não "sistema". Do mesmo modo a palavra "comunicação" aparece oito vezes empregada inadequadamente, isto é, não significando comunicação, mas sim, outra coisa qualquer. Assim poderíamos discorrer sobre os demais vocábulos e raramente os encontraríamos empregados adequadamente.

Seria este, então, um problema de inadequação de ter-

mos (impropriedade de termos) ou um fato que poderia ser caracterizado como pobreza vocabular no contexto? Poderíamos classificar o texto em questão como pobre de vocabulário tendo em vista que nele aparecem: "espaço, culturais, criatividade, planejamento cultural, método...?"

Numa análise mais cuidadosa do aludido texto, podemos observar que o seu criador não domina semanticamente o vocabulário de que fez uso para redigir. Emprega o vocabulário para preencher o espaço em branco (a folha que recebeu para fazer a redação). O texto não tem coerência nem argumentação; não tem idéias inteligíveis. Poderíamos dizer que não é um texto e sim um amontoado de palavras e de frases desconexas. Temos a certeza que, ao falar sobre este mesmo assunto, o vestibulando não empregaria esse vocabulário (até certo ponto sofisticado), que usou ao escrever. Por que estaria assim procedendo? Aliás, podemos generalizar esta questão numa abrangência quase que total das redações que lemos. Por que os vestibulandos (cremos que não sejam só eles!) usam os vocábulos na modalidade de texto escrito sem ter deles o domínio semântico? Nossa preocupação é, portanto, a de descobrir a(s) possível(eis) causa(s) desse procedimento: aparecerem 47 vocábulos expressivos significativamente na língua padrão, mas que no texto não estão a significar algo que justifique o seu uso. Nesse sentido teremos que procurar descobrir qual o equívoco no ato de significar no texto escrito que está ocorrendo e/ou qual o equívoco na nossa prática, em termos de ensino da Língua Portuguesa, tanto no 1º como no 2º Grau.

Parece-nos que Alcir Bernardes Pêcora, em seu texto (ainda em primeira versão) "Problemas da Redação na Universidade" (Tese de Mestrado - UNICAMP - SP - 1980) tem razão, ao fazer uma análise desse tipo de problema e ao concluir que: *O processo escolar tende a confinar a escrita nos limites de alguns modelos prévios, impermeáveis a usos individualizados e presentes, distantes do mundo diversificado que faz sentido para o aluno naquele momento do aprendizado. A escola, dessa forma, faz com que a escrita tome os ares congelados de um museu, recanto privado onde as múmias passeiam comportadamente entre mil flores e pérolas sem par.*

Realmente cremos ser este problema decorrente da maneira errônea de trabalharmos a Língua Portuguesa na escola. (Não só disso, é lógico). Pregamos a necessidade de se usar o vocabulário "rico" e "variado", não redundante nos textos. Exigimos o emprego de alguns modelos prévios e os cobramos na correção dos textos. Exemplifiquemos: "Meninos, usem palavras representativas nos textos. Palavras significativas. Não usem ter

mos de gíria; o texto deve ter um vocabulário rico e variado, não repitam os termos na redação, empreguem bastantes conjunções..." O aluno, então, já de posse de uma folha em branco, vê-se na obrigação de satisfazer, no texto, estas exigências. Preocupa-se em preencher o espaço com vocábulos que satisfaçam ao professor; logo usa palavras que viu, ouviu, aprendeu, mas não lhes aprendeu a significação de forma a possibilitar o seu emprego adequadamente num texto escrito (e no falado também). Então ocorre que, ao invés do aluno preocupar-se em colocar idéias referentes ao assunto, de uma maneira clara, coerente e simples, lança mão de modelos lexicais eruditos, pré-estabelecidos ou determinados.

Daí ser possível aparecer textos como este da ocorrência 3 e receber um conceito (nota) de regular a excelente no 1º e 2º Graus. Tanto é assim que estes vestibulandos conseguiram aprovação nos dois níveis e, com certeza, a conseguirão também na universidade. Ou seja, esses tipos de textos são, para nós professores, considerados bons.

O que resulta desse trabalho equivocado na área do conhecimento é o aparecimento de textos com um vocabulário congelado e/ou enlatado, em prejuízo, como já afirmamos, do desenvolvimento das idéias acerca do assunto e também o uso do vocabulário empregado nas relações sociais. A televisão, o rádio, o jornal, os próprios textos que levamos para a sala de aula, servem de recurso para buscar esse linguajar congelado, sofisticado (da língua padrão - erudita). Ouvem-se, lêem-se esses vocábulos e empregam-se os mesmos nos textos. Resultado: cria-se um texto vazio, não significativo, com idéias errôneas e/ou não argumentadas, mas recheadas com um vocabulário modelar. Então, pecamos pela base: O problema está no próprio modo como trabalhamos (impondo a língua padrão/erudita) e desconsiderando as demais variantes lingüísticas.

Quanto à questão riqueza/pobreza vocabular queremos ter mais algumas considerações. Não existe nada que determine um número de vocábulos (quantidade) e/ou a exigência de um vocabulário "x" (qualidade) para significar nossas idéias e/ou nossas concepções no texto. Ninguém pode dizer que eu deva usar 30, 40 ou 50 palavras, nem que o meu texto tenha 1, 2 ou 3 folhas. Nem tampouco que deva usar estes ou aqueles vocábulos. Podemos prever a extensão de um texto, dependendo do assunto, do tipo de texto, do tempo que tivermos à nossa disposição, das idéias que tivermos sobre o assunto..., mas isso em termos de previsão, de planejamento de atividades e não como norma obrigatória para que assim façamos ou procedamos. Então, como caracterizar uma pobreza e/ou riqueza vocabular num texto? Pode-

ríamos dizer que na ocorrência 3 existe uma pobreza vocabular em relação ao contexto em que foram empregados os termos (isso já desenvolvemos anteriormente). O vocabulário que o vestibulando usou é pobre porque prejudicou a colocação de idéias, prejudicou semanticamente o texto, mas não é pobre por si só, isto é, isoladamente.

Tínhamos escolhido algumas ocorrências já com a intenção de descrevê-las dentro de determinados problemas (acentuação, ortografia, riqueza vocabular, incompletude ou estrutura de frases, estruturas de parágrafos, coerência, coesão, argumentação), porém nos deteremos agora, pelas razões que serão expostas ao descrever as ocorrências 9 e 11. Primeiro porque temos lido diversas redações de vestibulandos e todas apresentam esta estrutura. Segundo, porque nos parece importante descrevê-las sob o aspecto da influência que exercem a Escola e a Igreja, particularmente, na aquisição de idéias moralistas veiculadas através de um vocabulário impregnado de conotação religiosa e moral.

Observemos a seguir a ocorrência número 9:

Os Meios de Comunicação Social

Introdução: Todo o ser humano necessita integrar-se com as demais pessoas.

Desenvolvimento: É possível viver isolado do mundo.

Conclusões: Devemos dar valor àquilo que nos constrói.

Nesse "texto" estão grafadas as palavras Introdução, Desenvolvimento e Conclusões, seguidas de uma frase para cada uma delas. E isso é todo o texto do vestibulando. Poderíamos, talvez, pensar que ele tenha pretendido fazer um esquema para depois desenvolvê-lo, e que, talvez por falta de tempo, não tenha conseguido fazê-lo. Nesse sentido poderíamos fazer uma análise da coerência desse esquema de idéias.

Na introdução está registrado: *Todo o ser humano necessita integrar-se com as demais pessoas*. Parece-nos que o vestibulando quis formular uma tese, ou seja, registrar seu ponto de vista sobre os MCS para depois defendê-lo na argumentação. Mas este foi mal formulado, pois não está claro. A "introdução" do vestibulando não manifesta uma opinião a respeito desse assunto, pois fala da necessidade do homem integrar-se com os demais homens e não relaciona o que esse integrar-se tem a ver com os MCS, ou o que estes têm a ver com o integrar-se dos homens.

No desenvolvimento aparece: *É possível viver isolado do mundo*. A expectativa era de que nessa parte do texto o vestibulando apresentasse uma série de idéias e/ou buscasse exem

plos, dados estatísticos, históricos, etc. para comprovar a pretensa opinião: *Os meios de Comunicação Social servem para os homens integrarem-se entre si, já que possibilitam uma comunicação à distância, e comunicação significa maior integração entre os homens.* Mesmo que não concordemos com essa afirmação, mesmo que notemos nela uma falácia total, esperava-se que o autor do texto usasse toda uma argumentação (que poderia ter sido listada no pretense esquema) para comprovar aquela tese e assim tentar convencer-nos de que ele estava com a razão.

Porém, isso não aconteceu, não houve no esquema uma relação de idéias que deixasse transparecer a possibilidade de, a partir dele, haver um desenvolvimento.

E o "texto" coloca como conclusão a afirmação valorativa: *Devemos dar valor aquilo que nos constrói.* Conclui, portanto, emitindo um juízo de valor moralista, usando um chavão que inclusive não é nada coerente com as duas "frases": a da introdução e do desenvolvimento. Ou vejamos: se tentássemos ligar as frases que ele usou no texto, ficaria mais ou menos assim: *Todo o ser humano necessita integrar-se com os demais seres humanos, pois é possível viver isolado do mundo. Portanto devemos dar valor aquilo que nos constrói, visto que todo ser humano ...*

Essa tentativa de ligar as idéias do vestibulando, transformou o "texto" naquilo que poderíamos chamar de um texto síntese, que ressalta as contradições entre aquelas idéias, ou seja, a falta total de coerência entre elas.

Parece-nos que esse vestibulando não teve o mínimo de conhecimento sobre a estrutura do texto dissertativo, durante os 11 anos de escolaridade anteriores ao vestibular. Saliente-se que "textos" como esse não são esporádicos em vestibulares, já que temos nos defrontado seguidamente com esse tipo de problema. Costaríamos de aprofundar essa discussão, mas esbarramos na falta de tempo e na carga de trabalho (somos alunos, professores, assessores, membros de família, participantes de associações...)

No entanto referente a essa ocorrência, urge buscar as possíveis causas. Ela caracteriza um problema de não domínio da tipologia de textos. Era exigido ao vestibulando um texto dissertativo. A escola, tanto no 1º como no 2º Grau, tem-se preocupado em dar a estrutura (nomenclatura e definição) desse tipo de texto da seguinte forma: *O texto dissertativo tem três partes: Introdução, Desenvolvimento e Conclusão. Na Introdução, ... No desenvolvimento... e na Conclusão...*, etc. Além disso, é insistido na necessidade de que saiba bem essa estrutura sob pena de ser reprovado no vestibular. Cria-se então uma imagem,

na cabeça do aluno, de que o texto é isso que foi grafado na ocorrência 9.

Pelo exposto, podemos afirmar com segurança que isso é consequência da maneira como estamos trabalhando Língua Portuguesa - criando imagens falsas sobre tipologia de textos. Uma coisa é o aluno saber o que são e como são formuladas essas partes do texto, saber que elas devem aparecer no texto. Outra coisa é desenvolvê-las e refletir sobre elas. É fazendo que aprendemos a fazer. Não que a teoria não seja importante e necessária, mas teoria e prática são inseparáveis, interdependentes. O que se tem feito é justamente trabalhado mais os conceitos teóricos. Se conseguíssemos levar o aluno a teorizar a sua própria prática, relacionando esta teoria com as teorias dos estudiosos, estaríamos preparando o aluno, não só para manifestar-se com clareza, com coerência..., como também estaríamos preparando este aluno para entender o que os outros escrevem.

Nesse aspecto poderíamos sugerir que se fizesse um trabalho, na escola, de expor os alunos a textos bem estruturados, refletindo sobre eles, mas que jamais se deixasse de usar os textos dos próprios alunos para realizar análises (interpretação de textos) e que estas os levassem a uma reescrita dos seus próprios textos, corrigindo-os. Uma vez que este trabalho não tem como preocupação primeira propor ou sugerir uma metodologia, como dissemos na introdução, remetemos o leitor a buscar informações e esse respeito, no texto do professor Geraldí, já citado anteriormente.

Visto isso, passemos para a ocorrência seguinte: (11)

Assim que nós devemos zelar e agradecer a Deus de dar estas capacidades ao homem de criar meios tão eficientes ao meio da comunicação social.

Ela é o final do texto de um vestibulando e encerra elucubrações feitas em cima dos MCS. Elucubrações porque, em nenhum momento, ele deixa transparecer que jornal, telefone, TV, rádio, cinema... são "criações" do homem, são descobertas que custaram "muito suor e sangue", como se diz por aí. Para tanto, foi aplicada uma tecnologia sobre matérias-primas; foi realizado um trabalho; investiu-se um capital, resultando desse processo todos os referidos produtos. A ocorrência 11 deixa transparecer a idéia de que, de repente, o homem, pela graça de Deus, consegue criar esses meios tão "eficientes". Ora, isso não são verdadeiras elucubrações?

É evidente que a referida ocorrência poderia ser melhor explorada, já que está grafada com uma série de problemas, mas nos limitamos a levantar a questão acima, pelas razões que

citamos anteriormente nesse trabalho. Também limitamo-nos a levantar a questão sem aprofundá-la. No entanto podemos concluir no entanto que esse texto, como tantas redações que lemos para desenvolver esse trabalho, é revelador dos mitos que a escola cria a respeito da Ciência. Por outro lado, textos como este são excelentes para uma discussão (interpretação de textos) em sala de aula, desde que o professor tenha conhecimento e capacidade crítica suficiente para explorá-los.

Reportemo-nos à ocorrência II, pois é necessário ainda que levantemos mais algumas considerações a partir dela. Uma delas diz respeito ao emprego do verbo "devemos". É raro encontrar uma das redações do corpus que não tenha este verbo. Este é revelador duma significação valorativa moralista. Parece-nos, a grosso modo, que tem muito a ver com o dualismo corpo/alma. Como decorrência desse princípio, é comum ouvirmos pregações em torno de certo x errado, bom x mau, céu x inferno... O texto dissertativo tem como uma de suas características mais marcantes o desenvolvimento do raciocínio, a reflexão sobre um determinado assunto, abordando-o a partir de uma temática onde o tema seria, até certo ponto, revelador de uma nova visão sobre o referido assunto. Ora, quando usamos o verbo "dever", várias vezes num texto, vemos nele barrada, ou pelo menos um tanto bloqueada, esta característica, pois o texto não tem como preocupação primeira dogmatizar os leitores em torno do que devemos ou não fazer.

Convém lembrar também que textos com esta pregação moralista (ideológica) são comuns nos manuais didáticos. Portanto é importante que nos conscientizemos disso para não continuarmos sendo eternos reprodutores desse tipo de moralismo que leva as pessoas a criarem um espírito não investigador, de acomodação, de aceitação, enfim, de inércia total.

Outra questão que poderíamos levantar a partir da ocorrência II, é no que diz respeito ao papel da Igreja que, através de alguns de seus pregadores, tem contribuído, e em muito, para levar grande parte da população a buscar explicações (ou desculpas) no sobrenatural, para muitas questões da realidade. É comum, por exemplo, em comunidades do interior, plantadores apelarem para rezas quando suas lavouras estão infestadas de lagartas. Passados alguns dias, as lagartas somem de fato. Então os louvores são dados ao poder da reza, ou do sobrenatural. Acontece que, muitas vezes, plantadores e rezadores desconhecem o ciclo da vida dessas pragas - o que poderia ter sido estudado em Ciências, na Escola do meio rural -, e acabam tendo reforçado o poder do sobrenatural na solução dos seus problemas. Essa idéia transparece na maioria dos textos lidos e disso es-

se fragmento de texto é bastante revelador.

Teríamos ainda muitas outras considerações a fazer, sobre o "corpus" analisado. Os problemas de coesão e clareza, por exemplo, pelo número de vezes com que aparecem nas redações, não poderiam ficar sem serem abordados. Entretanto, isso acontecerá, se possível, noutra oportunidade.

NOME:

(ANEXO ÚNICO)

Nº INSCRIÇÃO:

Os meios de comunicação social.

Os meios de comunicação são os elementos físicos na estrutura de um país em desenvolvimento.

Entre os principais meios de comunicação estão os meios físicos: Telefone, Rádio, Televisão. Telefone: Aparelho utilizado na comunicação entre duas pessoas.

Rádios: Aparelho de comunicação de pequenas espessuras e de grande capacidade de comunicação, podendo alcançar uma frequência de centenas de quilômetros e informar milhões de pessoas.

Televisão: Sua forma geralmente é quadrada, constituída de diversas linhas e elementos, que tem por finalidade de proporcionar o aparelho. Também tem um ponto de vista e o áudio, mas geralmente é analógico que tem por finalidade mostrar o programa desenvolvido. Também tem aparelho de grande capacidade de informações e de fácil poder de aquisição.

Que resumo da matéria com esses três elementos de comunicação social.